

Para Bresser, pagamento dos juros "é inviável"

"A dívida tornou-se parcialmente incobrável e o simples pagamento do total dos juros tornou-se inviável. É preciso agora mudar completamente o enfoque sobre a dívida e o mercado financeiro internacional já reconheceu (a importância) de estabelecer um grande desconto sobre a dívida ao desvalorizar as ações dos bancos credores." Este trecho faz parte do discurso pronunciado ontem pelo ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, durante a XII Conferência Anual da Organização Internacional das Comissões de Valores (OICV).

Bresser voltou a insistir na tese de que o problema do endividamento não é conjuntural e, portanto, o simples ajustamento dos países devedores é uma fórmula ultrapassada. "É preciso admitir que esta estratégia fracassou", resumiu o ministro, que embarcou ontem às 17,40 horas para Viena, onde participará do "Us Congressional Summit on the Economic Agenda for the Nineties", simpósio sobre comércio e dívida, organizado por parlamentares norte-americanos, que começa hoje e vai até sábado próximo.

Bresser, que defendeu uma efetiva política de

abertura comercial e financeira e uma "renegociação mais equilibrada da dívida", falou durante três minutos em inglês para a plateia da conferência da OICV. Constatou que "alguns membros" da comunidade financeira internacional encaram a posição adotada pelo governo brasileiro nas negociações com os credores como "radical". Ao comentar esta afirmação, o ministro, que se recusou a conversar com a imprensa, ressaltou a necessidade de o Brasil procurar cada vez mais "se integrar no sistema financeiro internacional".

O ministro da Fazenda, em seu pronunciamento, discorreu ainda sobre a importância dos mercados de valores mobiliários, especialmente na Europa e no Japão, que hoje se apresentam como uma alternativa em face "da crise financeira atual", dando destaque aos fundos de pensão. "É nossa convicção também que a abertura dos mercados de capitais à competição externa produzirá um importante aporte de tecnologias e de capital humano às nações em desenvolvimento, melhorando a alocação internacional de recursos financeiros", ressaltou, tomando como exemplo os Estados Unidos.